



A dialética simbólica dos opostos na psique como princípio inerente à natureza humana na obra de Carl Gustav Jung

*Carlos Henrique Jesus de Paula**

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar conceitos junguianos que contribuam ao entendimento da presença de polaridades na psique e no corpo do indivíduo, assim como, o fenômeno da oposição dialética presente na psique humana segundo a obra de Carl Gustav Jung. Com base, especificamente, em sua Psicologia Analítica, percebe-se que esta dialética é conhecida pelo termo *função transcendente*. Termo este que promove o desenvolvimento do indivíduo pela união de opostos presentes entre os conteúdos psíquicos distintos entre a *consciência* e o *inconsciente*. Esta oposição psíquica se trata de uma comunicação presente na relação entre a consciência – ou *consciente* – com um inconsciente autônomo e criativo – segundo a perspectiva de Jung –. Sua definição de inconsciente o determina como obscuro e simbólico, como uma antítese da consciência. Portanto, a união de seus conteúdos, no símbolo, é vista por ele como uma síntese, uma nova formulação no indivíduo. Contudo, essa é apenas uma dentre algumas das oposições que serão desenvolvidas ao longo dos argumentos. Dessa maneira, o texto visa focar nas obras de Carl Gustav Jung, mas também na interpretação e desenvolvimento de seu pensamento com o apoio de outros junguianos, como a brasileira Nise da Silveira, Marie-Louise von Franz etc.

Palavras-chave: Dialética; Jung; Oposição; Inconsciente; Psicologia Analítica.

Abstract: This article aims to analyze Jungian concepts that contribute to the understanding of the presence of polarities in the psyche and body of the individual, as well as the phenomenon of dialectical opposition present in the human psyche according to the work of Carl Gustav Jung. Based specifically on

* Mestrando pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: carlos.depaula1997@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2308388284936615>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4924-6118>.

his Analytical Psychology, it is clear that this dialectic is known by the term transcendent function. This term promotes the development of the individual through the union of opposites present between the distinct psychic contents of consciousness and the unconscious. This psychic opposition is a communication present in the relationship between consciousness – or the conscious – with an autonomous and creative unconscious – according to Jung's perspective. His definition of the unconscious determines it as obscure and symbolic, as an antithesis of consciousness. Therefore, the union of its contents, the symbols, is seen by him as a synthesis, a new formulation in the individual. However, this is only one among some of the oppositions that will be developed throughout the arguments. In this way, the text aims to focus on the works of Carl Gustav Jung, but also on the interpretation and development of his thought with the support of other Jungians, such as the Brazilian Nise da Silveira, Marie-Louise von Franz, etc.

Keywords: Dialectic; Jung; Opposition; Unconscious; Analytical Psychology.

Introdução

Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um importante psicoterapeuta suíço que fundou a Psicologia Analítica – ou Psicologia Complexa – elaborando uma vasta teoria sobre a psique e seus conteúdos conscientes e inconscientes. Seu método de trabalho clínico consistia, em primeiro lugar, na empiria, como o próprio diz – no prefácio à sétima edição – na obra *Tipos Psicológicos*, “Antes de mais nada sou médico e psicoterapeuta prático e todas as minhas formulações psicológicas provêm das experiências de um trabalho profissional, diário e árduo. Portanto, [...] foi no doente que o livro teve sua origem” (Jung, 2013d, p. 14). Mesmo com tamanha informação sobre o cargo e prática de Jung, suas bases conceituais são ricas em referências filosóficas como Heráclito, Nietzsche, Hegel, dentre outros. Mesmo que essas bases não sejam amplamente desenvolvidas neste artigo a fim de não escapar do tema proposto, é importante dizer que sim, Jung possui uma extensa leitura filosófica e uma extensa criação de conceitos – de tal forma que é quase impossível

desenvolver qualquer tema com este autor sem se ater a estes conceitos em demasia que serão apresentados, pois não é uma opção¹ –, além de uma definição própria de *inconsciente* que não se assemelha ao conceito adotado pela psicanálise freudiana. O que é importante destacar a fim de evitar más interpretações sobre. Ademais, “a palavra ‘inconsciente’ não é invenção freudiana. Bem antes já era conhecida na filosofia alemã, por Kant, Leibniz e outros, e cada um tem uma definição própria para o termo” (Jung, 2013c, p. 78).

Dito isso, o objetivo do texto é propor uma análise de alguns conceitos junguianos, – como *consciente* e *inconsciente*, dentre outros –, com auxílio de outros autores junguianos, a fim de compreender como o confronto com o inconsciente pode vir a ser dialético. Ou seja, a comunicação de conteúdos psíquicos presentes, tanto na consciência quanto no inconsciente, pode acarretar à uma síntese desses conteúdos múltiplos. Levando em consideração, claro, que aquilo que está presente no consciente não é, no mesmo instante, presente no inconsciente e vice-versa. Ademais, como se pode observar, esse confronto pode ter como base um certo fenômeno polar, opostos que se complementam na estrutura da psique humana e que visam uma finalidade que escapa à totalidade de nossa razão. Segundo Aniela Jaffé², “Uma dualidade, ‘um problema dos opostos que é profundamente característico da psique’, [...] No fundo, trata-se menos de opostos do que de antinomias” (Jaffé, 2021, p. 39)³. Por consequência, qual seria essa finalidade? Ao que tudo indica, da oposição

¹ A psicologia de Jung é chamada de complexa na Alemanha, em partes, por este motivo (Silveira, 1971).

² Aniela Jaffé (1903-1991) foi uma grande analista junguiana suíça, colega de trabalho e secretária de Jung. Foi editora do trabalho semiautobiográfico dele ao fim da vida, *Memórias Sonhos Reflexões*.

³ A antinomia aponta uma contradição na psique, entre a consciência e o inconsciente. Do grego, *antinomia* significa uma contradição entre normas. “Anti” é contra e “nomos” é norma ou lei. Não deixa de ser, obviamente, uma oposição, mas é um conflito de ideias da mente humana que não representa que um dos lados esteja errado, mas sim um complemento entre esses dois aspectos opostos da psique. Por isso, busca-se a exploração de uma dialética, uma síntese.

nasce o complemento, a simultaneidade e a harmonia psíquica entre o indivíduo e o mundo. A partir dessa compreensão que, aparentemente, faz parte da natureza humana, temos mais condições para passar por um processo de autoconhecimento. Portanto, cada conceito que será apresentado visa argumentar uma polaridade, segundo Jung, que revela parte do que, supostamente, somos.

Consciente e inconsciente

Para apresentar e compreender as bases de representação do *consciente* e *inconsciente* na mente humana – ou psique – segundo os estudos de Carl Gustav Jung, se faz necessário lançar mão de cada conceito e suas oposições. Portanto, para se atingir o objetivo de compreender a comunicação entre essas forças não há outro meio simples senão na apresentação e explicação dos conceitos que os rodeiam. Não podemos interpretar tais forças como meras funções cerebrais, mas uma exploração da estrutura da psique humana e seus símbolos. Segundo Nise da Silveira⁴, “Poder-se-á representar a psique como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge uma pequena ilha (consciente)” (Silveira, 1971, p. 71). Ou seja, para Jung, é do inconsciente que surge o consciente, não o contrário. Dito isso, adianto que é justamente na definição de *símbolo* que compreenderemos como há uma dialética entre essas duas camadas opostas da psique humana. Enquanto o consciente possui uma composição única – com um núcleo chamado *ego* –, o inconsciente se divide entre o *inconsciente pessoal* e o *inconsciente coletivo*, designando diferentes características e aproximações com o consciente. Contudo, é

⁴ Nise da Silveira (1905-1999) foi uma importante médica e psiquiatra junguiana brasileira, reconhecida mundialmente, que revolucionou o tratamento mental no Brasil por meio da arteterapia, livre expressão e afetividade. Seu livro *Imagens do Inconsciente* é uma das maiores contribuições à psiquiatria. Quanto à *Jung: Vida e obra*, Nise nos garante uma espécie de mapa junguiano que nos auxilia a compreender o pensamento de Jung por meio de sínteses próprias e dicas de leitura. Em muito a Dra. Nise concorda com Jung e aplica seus conhecimentos em seus trabalhos. Por isso, é de extremo apoio para o artigo.

importante frisar que essas duas forças psíquicas são opostas, em constante relação e conflito, o que será devidamente explicado.

Consciente

O conceito de *consciente* aparenta, inicialmente, tratar-se do mais simples em comparação ao *inconsciente*. Mas, é notável a dificuldade em escrever sobre tal área da psique humana sem relacionar seus conteúdos psíquicos entre o que está dentro e fora de si, ou seja, dentro do consciente ou lançado ao seu oposto, o inconsciente. Logo, para entender o que é o consciente, precisamos compreender o que são os conteúdos psíquicos, a fim de, posteriormente, compreendermos também sua relação com o inconsciente e suas camadas, uma pessoal e outra impessoal (coletiva).

Adiante, vamos por partes. Os *conteúdos psíquicos* não são tão simples de se explicar. Ao que tudo indica, são conteúdos afetivos que derivam de nossa experiência externa com o mundo. Ou seja, são processos retidos na mente do indivíduo de carga emocional. Tais conteúdos estão presentes tanto na consciência quanto no inconsciente. Podemos utilizar da obra *A energia psíquica*, de Jung, para obter um panorama de sua visão sobre:

Ao estudar os fenômenos da associação, indiquei que existem certos agrupamentos de elementos psíquicos em torno de conteúdos emocionais que denominamos *complexos*. O conteúdo emocional, ou complexo, é constituído de um elemento nuclear e de uma grande quantidade de associações consteladas secundariamente. O elemento nuclear consta de dois componentes: em primeiro lugar, de uma condição, determinada pela experiência, portanto, de um fato vivido, causalmente vinculado ao ambiente, e, em segundo lugar, de uma condição imanente de caráter individual de natureza disposicional (Jung, 2013a, p. 21).

Em consequência disso, pode-se compreender que os conteúdos psíquicos são intrínsecos ao que Jung nomeia de *complexos*⁵, agrupamentos ou estruturas que possuem uma intensa carga afetiva pessoal para o indivíduo. Por exemplo⁶, uma pessoa pode consumir uma obra artística do qual seu tema fale sobre paternidade. Sendo esta pessoa alguém que não superou a morte do próprio pai, se emociona e se vê entregue a um mar de tristezas – ou quem sabe, ansiedade, falta de ar, dentre outras perturbações – que a consome quase por inteiro. Provavelmente, tal pessoa possui um *complexo paterno* que lhe é ativado, tal qual um estalo – ou gatilho, em linguagem popular –, assim que suas experiências presentes te recordam de um trauma. No caso, a perda do pai. Portanto, é como se o vínculo emocional a impedisse de viver a vida sem ser incomodada por este estancamento de sua própria energia devido a um trauma não tratado ou não superado. Quando este complexo não está consciente, ele permanece em seu inconsciente pessoal. Estar consciente de algo é ter conhecimento de algo, ou, como disse Marie-Louise von Franz⁷ “Um objeto só é consciente quando *eu* o conheço” (Franz *et al.*, 2017, p. 211), o que nos indica que todo conteúdo presente no inconsciente

⁵ Quanto aos *fenômenos da associação* que se apresenta na citação longa acima, é referente ao método de associação de palavras. Este é um dos três métodos junguianos de análise – os demais seriam a interpretação de sonhos e a imaginação ativa. Não diria ser um consenso, mas incluiria um quarto método, sendo a arteterapia (com base na psicologia junguiana, não da base em psicanálise de Margaret Naumburg) desenvolvida por Nise da Silveira –. Recomendo a leitura de *A vida simbólica Vol. 1*, das Obras Completas de Jung, a partir do §99 em qualquer edição, a respeito dos fenômenos da associação.

⁶ Este exemplo tem como base um complexo paterno descrito por Jung a partir do §202 – em qualquer edição – de *A natureza da psique*. Porém, o exemplo não é idêntico. O texto é muito extenso para a pretensão do artigo em questão.

⁷ Marie-Louise von Franz (1915-1998) foi uma psicoterapeuta junguiana alemã muito próxima a Jung. Deu continuidade a seu trabalho referente ao tema da alquimia e foi fundadora do *Instituto Carl Gustav Jung*, em Zurique.

pessoal, um dia, foi conhecido, e um dia pode se tornar consciente novamente e assim sucessivamente⁸.

Dito isso, é importante citar como a obra *O homem e seus símbolos*, publicada em 1961, relata que, dentro da estrutura da psique, o consciente se encontra – segundo Marie-Louise Von Franz – envolto do inconsciente, e no centro da consciência reside o *ego* (Franz *et al.*, 2017, p. 211). Para que um conteúdo se torne consciente é necessário que ele se relacione com o *complexo do ego*, que pode ser entendido como uma estrutura coesa no consciente em continuidade que forma uma identidade ou memória consciente, o que nos permite um autorreconhecimento, um eu.

Estes processos são passíveis de compreensão graças à definição de *libido*, ou *energia psíquica*, dada por Jung, relatado por Nise da Silveira de tal modo que “Fome, sexo, agressividade, seriam expressões múltiplas da energia psíquica, tal como calor, luz, eletricidade, são manifestações diferentes da energia física” (Silveira, 1971, p. 44). Ora, a explicação resumida da energia psíquica de Jung – que não são meramente desejos sexuais, mas interesses e vontades em geral –, nas palavras de Nise, tenta abranger, em partes, a base dos conteúdos psíquicos no indivíduo, mas também aponta uma relação oposta de tal energia psíquica com a energia física, mesmo que brevemente. Ademais, nas palavras de Jung, energia psíquica, é “A intensidade do processo psíquico, seu valor psicológico. Mas não se trata de valor atribuído por considerações morais, estéticas ou intelectuais” (Jung, 2013d, p. 474). Todavia, o que se pretende ao explicar isto é justamente compreender que há conteúdos psíquicos atravessados pela experiência, conteúdos conscientes e inconscientes. Logo, tais conteúdos são inerentes à análise da dialética aqui proposta entre essas duas forças psíquicas que possuem conteúdos impulsionados pela nossa energia psíquica, quando não estancada – sem movimento.

⁸ Entretanto, Jung também sugere que o inconsciente é capaz de gerar os seus próprios conteúdos (Jung, 2015, p. 16). Dessa maneira, o inconsciente não é passivo em relação à consciência. Isso é fundamental para a *função transcendente* vista dentre os tópicos seguintes.

Inconsciente pessoal

No esforço em deixar o conceito de consciente mais claro, compreendemos melhor o que são conteúdos psíquicos e suas conversões. O que determina tal feito é o nível de carga psíquica, ou energética, contida nos conteúdos. Logo, o inconsciente pessoal, camada mais superficial do inconsciente em relação à proximidade com o consciente (Silveira, 1971, p. 72), é a área que contém os conteúdos psíquicos – ou, neste caso, que recebe os conteúdos rejeitados pelo consciente – que perderam intensidade na carga energética (Jung, 2013b, p. 96). Basicamente, fala-se sobre aquelas informações do dia a dia que caem no esquecimento. Conteúdos que saem da consciência e se lançam em direção ao inconsciente em sua camada pessoal.

Dito isso, Jung determina em sua obra *A Natureza da Psique* que o inconsciente pessoal, resumidamente, é a área do esquecimento do consciente, devido à *repressão*⁹ em relação a determinados conteúdos psíquicos. Então, ao sermos atingidos pelas percepções sensoriais, ou seja, afetados através dos sentidos, temos consciência do mundo externo a nós. Essas *percepções* apreendem a existência dos objetos externos, mas é o processo de *apercepção*, dita como psíquica, que converte nosso conhecimento do externo em um conhecimento interno – enquanto sujeitos – ou *pensamento*¹⁰, uma abstração ou conceituação do objeto externo, transformado em conteúdo psíquico (Jung, 2013b, p. 84). Mais uma vez, vemos a importância do movimento simultâneo e do complemento das oposições, relacionando sujeito e objeto, psique e corpo. A percepção é responsável por colher as experiências dos sentidos que estão presentes no

⁹ “[...] pensamento ou a experiência desagradável que está reprimindo” (Jung, 2017, p. 27). Ou seja, são determinados pensamentos que não aceitamos e pretendemos abandoná-los, esquecê-los, suprimindo-os, jogando-os no grande oceano do inconsciente, fingindo que tais pensamentos não existem.

¹⁰ O *pensamento*, para Jung, grosso modo, é uma das funções racionais do indivíduo, um juízo que é voltado para a lógica e formulação de conceitos. Pode ser verificado com extensos detalhes na obra *Tipos Psicológicos* a partir do §642 em qualquer edição.

corpo, fisicamente, mas a apercepção trata da parte psíquica, não física, do indivíduo. Portanto, é possível interpretar que a psique para Jung está além da física, mas trabalhando em simultaneidade com o corpo, se complementando. “Tudo o que se pode observar empiricamente é que processos do corpo e processos mentais desenrolam-se simultaneamente e de maneiras totalmente misteriosas para nós” (Jung, 2013c, p. 48).

Em seguida, o inconsciente pessoal é marcado por ser a área de nossa estrutura psíquica da qual carrega mais peso – no sentido emocional – pois a repressão deriva de acontecimentos traumáticos ou penosos, acontecimentos de forte potencial afetivo (Silveira, 1971, p. 72). Mesmo que seja visto como parte do inconsciente que recebe conteúdos que perdem valor energético, esses conteúdos não perdem o seu valor emocional. Vejamos, os níveis psíquicos apresentados são estabelecidos por Jung como duas forças opostas, o que reverbera em uma troca constante de energias entre o consciente e inconsciente, principalmente no tocante ao inconsciente pessoal, que possui uma forte relação com nossas experiências individuais com o mundo externo. Portanto, o conflito entre estes dois níveis pode inferir em grandes distúrbios mentais ou corporais (neurose), pois o inconsciente pessoal, tratado como nosso lado obscuro (Silveira, 1971, p. 72), pode interferir em nossas atitudes conscientes, inclusive de forma contraditória, ou oposta, ao que imaginamos de nós mesmos. Dito de outro modo, fala-se de atos hipócritas não percebidos conscientemente por você, mas que pode ser notado conscientemente por alguém externo a você¹¹.

Por consequência, isto nos leva à compreensão dos *complexos*, conceito desenvolvido por Jung quanto a conteúdos psíquicos específicos citados no parágrafo anterior, carregados de afetos que sofrem repressões rumo ao esquecimento. Segundo Jung, os complexos são “Temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes ou mesmo, em alguns casos, sintomas de neurose” (Jung *et al.*, 2017, p. 28). Portanto, a fim de compreendermos melhor o que isto

¹¹ Isso parece ilustrar bem, mesmo sem muito aprofundamento, parte do conflito humano.

significa, pensemos em exemplos individuais. Quando lembramos de algo que há muito sepultamos em nossas memórias – do consciente ao inconsciente – sofremos um estalo ou, como dito na atualidade, um gatilho, ao qual ocorre o retorno de uma memória reprimida instantaneamente – do inconsciente ao consciente. Esta memória reprimida, assim como qualquer outra, trata-se de uma ação da psique em que você reprime um conteúdo psíquico desagradável do seu consciente em direção ao inconsciente pessoal, perdendo energia psíquica. Neste caso, falamos de uma experiência desagradável que desejamos esquecer – um possível trauma – formando uma estrutura afetiva chamada complexo.

Adiante, o fato mais impressionante estudado e revelado por Jung, é como o inconsciente toma partido. Veja, ao explicar sobre a neurose¹² e citar diversos exemplos baseados em seus trabalhos clínicos, Jung diz que “Aquilo que está contido inconscientemente no nosso espírito comporta-se como se fosse consciente” (Jung *et al.*, 2017, p. 36). Ademais, deixa claro que os conteúdos psíquicos, uma vez esquecidos, não deixam de existir. Logo, os fenômenos neuróticos não são produtos de uma patologia física, mas sim uma patologia psíquica, da relação contrária que existe na interferência do inconsciente ao consciente:

Mas, todos nós vemos, ouvimos, cheiramos e provamos muitas coisas sem notá-las na ocasião, ou porque a nossa atenção se desviou ou porque, para os nossos sentidos, o estímulo foi demasiadamente fraco para deixar uma impressão consciente. O inconsciente, no entanto, tomou nota de tudo, e essas

¹² Em *A natureza da Psique*, a partir do §202 em qualquer edição, Jung irá tratar sobre a *neurose*. É a mesma referência utilizada na nota 7. A neurose pode ser resumida como uma *perturbação psíquica* advinda de uma não superação de um determinado trauma, ou complexo, que impede nossa *energia psíquica* – nossas vontades ou interesses em geral – de fluir normalmente. Trazendo, então, casos de interferências psíquicas do inconsciente nas nossas ações. Um exemplo simples seria a ansiedade. Ela, de fato, interfere em nossas ações e deveres do cotidiano. O nervo, chamado vago, responsável por todo movimento interno e involuntário do corpo é afetado, levando a problemas desconfortáveis como dores de cabeça excruciantes e, até mesmo, desconfortos intestinais. Tudo isso pode ser lido e verificado no parágrafo destacado nesta nota.

percepções sensoriais subliminares ocupam importante lugar no nosso cotidiano. Sem percebermos, influenciam a maneira segundo a qual vamos reagir a pessoas e fatos (Jung *et al.*, 2017, p. 37).

Por fim, não se sabe, precisamente, se tais interferências aqui ditas são exclusivas do inconsciente pessoal, mas sabemos que a citação anterior fala sobre as experiências que temos com o externo, o que é convertido pela apercepção em conteúdos psíquicos – como explicado anteriormente – de nosso interno. A relação oposta entre o inconsciente pessoal e inconsciente coletivo será determinada a partir desta observação, a *experiência*. Ou seja, vamos descobrir e relacioná-la com seu oposto. Logo, as diferentes ações do inconsciente serão explicadas, em partes, no tópico seguinte, deixando cada vez mais claro como a oposição é um fenômeno presente em todas as coisas mais simples de se observar na natureza (externas), mas também quanto às coisas mais complexas e profundas (internas) do indivíduo – relacionando-o à dialética –.

Inconsciente Coletivo

A princípio, é curiosa a observação quanto ao *inconsciente coletivo*. Tal conceito permeia quase todas as obras de Carl Gustav Jung de maneira ímpar em relação aos demais. Aqui, vemos o correspondente às camadas mais profundas do inconsciente, o fundamento mais comum da estrutura psíquica do ser humano, que independe da etnia ou cultura dos diversos povos. Por se tratar de uma divisão no inconsciente – que, por sua vez, já é parte de uma divisão da psique – percebemos também uma oposição entre o inconsciente pessoal e coletivo, por ser totalmente impessoal, comum à toda espécie humana, o que justifica a necessidade em separá-los, ao menos, conceitualmente.

Segundo Jung, o inconsciente coletivo é uma “Herança imemorial de possibilidades de representação, não é individual, mas comum a todos

os homens e mesmo a todos os animais, e constitui a verdadeira base do psiquismo individual” (Jung, 2013b, p. 96). Jung explica que a maior parte da consistência do inconsciente pessoal parte de estruturas como os *complexos*, enquanto o coletivo é constituído de *arquétipos*, como bem mostra a obra *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo em sua maior parte é constituído essencialmente de *arquétipos* (Jung, 2014a, p. 51).

Como dito no tópico antecedente, no caso, ao explicar o inconsciente pessoal, descobrimos que essa área específica da consciência se trata de uma região de descarte dos conteúdos psíquicos que sofrem uma sobrecarga de energia psíquica, o que induz no enfraquecimento da carga energética de tais conteúdos, lançando-os do consciente ao inconsciente. Entretanto, nesse processo de descarte, a região específica atingida do inconsciente é na sua camada mais superficial em relação à consciência, não entrando em contato com sua região mais profunda, ou seja, o inconsciente coletivo. Por consequência, entende-se que o inconsciente pessoal e seus conteúdos dependem da relação externa com o mundo, no caso, sua existência depende da *experiência pessoal* do sujeito com o objeto, mas o mesmo não pode ser dito quanto ao inconsciente coletivo.

Enfim, ao constituir essa base de pensamento, nota-se que, se o inconsciente coletivo não depende da aquisição pessoal para existir – a

experiência –, depende, portanto, de algo oposto. Neste caso, falamos sobre a *hereditariedade*, não quanto a perspectiva unilateral da genética familiar, mas da pluralidade da espécie humana em toda a sua coletividade, aquilo que une e determina a identidade da humanidade em todas as suas frações, em todos os seus povos, sendo o denominador comum primordial. Novamente, isso se relaciona diretamente com a noção de arquétipo, pois segundo Jung “O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou das formigas para organizarem colônias” (Jung *et al.*, 2017, p. 83), especificando que, sim, há um conteúdo instintivo e identitário em todas as espécies, imagens do inconsciente que fazem parte de nossa estrutura psíquica, padrões mitológicos que explicam fenômenos que, antigamente, não possuíam explicações racionais o suficiente. Portanto, são possibilidades e projeções comuns entre povos separados geograficamente, sem nenhum contato cultural e influência aparente.

Com tamanhas citações reveladoras, percebe-se que o inconsciente coletivo é a base do psiquismo do inconsciente pessoal. Essa interpretação se conecta à afirmação de Nise, em *Jung: Vida e Obra*, sobre como

O complexo mostraria conexões com os arquétipos, ou seja, haveria sempre uma ligação entre as vivências individuais e as grandes experiências da humanidade. [...] a trama do complexo mãe, com suas múltiplas implicações individuais, vislumbra-se o arquétipo mãe (Silveira, 1971, p. 38).

Em outras palavras, ao que tudo indica, todo complexo tem como base um arquétipo. São duas estruturas – uma hereditária e outra empírica – de duas camadas opostas do inconsciente que se complementam. E isso, devido ao objetivo do artigo, não pode ser ignorado.

Função transcendente e o simbólico

Neste momento adentramos no conceito principal da análise. A dialética proposta pelo artigo se inicia, de fato, no que se concerne à *função transcendente* e a união a respeito dos conceitos apresentados nos tópicos passados. Este termo abarca a ideia de Jung sobre uma ponte, por assim dizer, entre o consciente e inconsciente, unindo ambos os conteúdos psíquicos dessas camadas da psique a fim de, em sua dinâmica, contribuir para que o indivíduo conheça mais de si mesmo. Ou seja, para que contribua em seu *processo de individuação*. Como dito por Zara de Oliveira e Fátima Caropreso¹³, “É a partir da tensão do confronto dialético entre esses paradoxos que se manifesta o *elemento intermediário*, resultante da síntese entre polos aparentemente irreconciliáveis” (Oliveira; Caropreso, 2025, p. 108).

Função transcendente

Por “função transcendente” não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer suprassensível ou metafísico [...]. A função psicológica e “transcendente” resulta da união dos conteúdos *conscientes e inconscientes*. [...] O consciente e inconsciente raramente estão de acordo no que se refere a seus conteúdos e tendências. Esta falta de paralelismo, como nos ensina a experiência, não é meramente acidental ou sem propósito, mas se deve ao fato de que o inconsciente se comporta de maneira compensatória ou complementar em relação à consciência. Podemos inverter a formulação e dizer que a consciência se comporta de maneira

¹³ Zara de Oliveira é psicóloga, professora e especialista em Psicologia Analítica. Por outro lado, Fátima Caropreso, apesar de possuir a mesma profissão que Zara, é autora de diversas publicações sobre psicanálise freudiana. Ambas publicaram, neste ano, o artigo *Liber novus: o exercício dialético de Jung e a construção da psicologia analítica* pela revista *Ágora filosófica*. Atualmente, são da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

compensatória com relação ao inconsciente (Jung, 2013b, p. 13).

Segundo Jung, é essa tendência compensatória do consciente e do inconsciente que forma a chamada função transcendente. Portanto, “*É chamada transcendente, porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra, sem perda do inconsciente*” (Jung, 2013b, p. 18). Porém, o que, de fato, se forma em uma dialética entre os conteúdos da consciência e do inconsciente? A psicologia complexa junguiana busca, com base no indivíduo, compreender suas potencialidades inconscientes e impulsioná-las, tornando-as conscientes, a fim de desenvolvê-las. A função do analista é, em partes, conseguir ajudar o analisando quanto a este processo. Ou seja, ajudar o analisando a unir os conteúdos da consciência e do inconsciente, chegando à uma nova atitude (Jung, 2013b, p. 18-19).

Ao retornar ao exemplo dado no subtópico 2.1, a respeito dos complexos, se um indivíduo possui uma perturbação psíquica que o impede de viver em sua plena autonomia – ou na busca por ela –, então existe um conteúdo emocional – provavelmente inconsciente – que precisa ser descoberto, explorado e tratado com cautela. Contudo, quando os dois primeiros métodos¹⁴ da Psicologia Junguiana não são suficientes, procura-se um tratamento mais profundo, que visa o terceiro método, a *interpretação dos sonhos* e os *símbolos* que deles emergem. Portanto, já adiante, que a resposta do que surge na dialética entre o consciente e o inconsciente é uma força de expressão simbólica humana.

¹⁴ Mais especificamente, o primeiro seria o *método de associação de palavras*, desenvolvido por Jung em sua descoberta dos complexos. Pode ser mais aprofundado na leitura do segundo volume da Obra Completa de Jung, no título *Estudos Experimentais* a partir do §939 em qualquer edição – também citado na nota 6 deste artigo com adições a respeito –. Quanto ao segundo método, temos a *imaginação ativa*. Este último método apontado pode ser visto no primeiro capítulo da segunda parte de seu oitavo volume, *A Natureza da Psique*.

Símbolo

“A máquina psicológica, que transforma energia, é o *símbolo*” (Jung, 2013a, p. 58). Os métodos junguianos sempre apreciam os símbolos que, segundo as experiências de Jung, são imagens produzidas pela realidade obscura do inconsciente. O símbolo remonta à *imagem onírica* ou à *fantasia*. O símbolo não representa algo que seja relativamente conhecido. Isto seria um *sinal* – tal qual o fato da fumaça nos remeter ao fogo ou ao calor –, com base em algo claro. Então, o sinal sempre será uma expressão a fim de designar algo conhecido (Jung, 2013d, p. 487-488). Por consequência, percebe-se que também há uma oposição no que se concerne a um símbolo e um sinal. Pois, contrário ao sinal, o símbolo tende a ser a única expressão possível a respeito de um conhecimento relativamente desconhecido.

Toda concepção que explica a expressão simbólica como analogia ou designação abreviada de algo conhecido é *semiótica*. Uma concepção que explica a expressão simbólica como a melhor formulação possível, de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser mais clara ou característica, é *simbólica*. Uma concepção que explica a expressão simbólica como paráfrase ou transformação proposital de algo conhecido é *alegórica*. Explicar a cruz como símbolo do amor divino é semiótico, pois “amor divino” designa o fato que se quer exprimir, bem melhor do que uma cruz que pode ter ainda muitos outros sentidos. Simbólica seria a explicação que considerasse a cruz além de qualquer explicação imaginável, como expressão de um fato místico ou transcendente, portanto psicológico, até então desconhecido e incompreensível, que pudesse ser representado do modo mais condizente possível só pela cruz (Jung, 2013d, p. 487).

O símbolo, quando expresso, é extremamente múltiplo em seus significados. Essa expressão, como pode ser vista por meio dos sonhos –

ou mesmo em expressões artísticas¹⁵, como é visto no tema da obra *Imagens do Inconsciente*, de Nise da Silveira – é dita como simbólica. É uma expressão dos conteúdos do inconsciente na sua relação com os da consciência. Dessa forma, o símbolo é sempre um produto de natureza complexa, racional e irracional simultaneamente. Possui um lado que fala à razão, aos juízos do indivíduo, e outro lado obscuro que não se constitui apenas de dados racionais, mas de percepções externas e internas (Jung, 2013d, p. 491). O símbolo é parte fundamental da relação polar consciente-inconsciente e seus conteúdos, é a *síntese* que se apresenta como produto dessa relação entre a *tese* – consciente – e a *antítese* – inconsciente – (Jung, 2013d, p. 493).

Jung descobriu não apenas que os sonhos dizem respeito, em grau variado, à vida de quem sonha, mas também que são parte de uma única e grande teia de fatores psicológicos. Descobriu, além disso, que, em conjunto, os sonhos parecem obedecer a uma determinada configuração ou esquema. A este esquema, Jung chamou “o processo de individuação”¹⁶. Como os sonhos produzem, a cada noite, diferentes cenas e imagens, as pessoas pouco observadoras não se darão conta de qualquer esquema. Mas se estudarmos os nossos próprios sonhos e sua sequência inteira durante alguns anos, verificaremos que certos conteúdos emergem, desaparecem e depois voltam a aparecer. Muitas pessoas sonham repetidamente com as mesmas figuras, paisagens ou situações; se examinarmos a série total de sonhos observaremos que sofrem mudanças lentas, mas perceptíveis. E essas mudanças

¹⁵ “Arte e símbolo são prismas do mesmo cristal, por assim dizer, simbolicamente” (Oliveira; Caropreso, 2025, p. 110).

¹⁶ Em resumo, o *processo de individuação* seria algo como uma personalidade mais madura, ampla. Aos poucos, ela se torna mais consistente e perceptível, mesmo aos olhos das outras pessoas. É um caminho de desenvolvimento do indivíduo que visa uma unidade autônoma e completa, que integre o consciente e o inconsciente. Não obstante, essa é a importância da função transcendente nesta integração.

podem se acelerar se a atitude consciente do sonhador for influenciada pela interpretação apropriada dos seus sonhos e dos seus conteúdos simbólicos (Franz *et al.*, 2017, p. 211)

Marie-Louise von Franz, deixa explícito que os sonhos possuem conteúdos simbólicos. Portanto, não são meras imagens aleatórias produzidas por um inconsciente sem sentido. A resposta pode não ser clara, como um conteúdo consciente ou um sinal que aponta para um conhecimento específico, mas há uma finalidade. O inconsciente, por ser autônomo em relação à consciência, pode reagrupar seus conteúdos que um dia foram conscientes e, em um determinado momento, lançar tal conteúdo reagrupado novamente à consciência, em uma nova forma, com múltiplos sentidos (Jung, 2015, p. 15-16). O processo de individuação ou, melhor dizendo, o autoconhecimento do indivíduo, se dá justamente nesse contato com seu lado mais obscuro e simbólico da psique. No caso, quando se busca interpretar tais símbolos e ter conhecimento deles.

Conclusão

Enfim, “*O problema dos opostos como princípio inerente à natureza humana constitui uma etapa a mais no desenvolvimento do nosso processo de autoconhecimento*” (Jung, 2014b, p. 71). Os sonhos, a imaginação e suas imagens simbólicas são naturais e alheias à nossa vontade consciente, mas possuem base na realidade objetiva por serem autorretratos do processo psíquico em curso. Logo, é possível dizer que o simbolismo nos sonhos, essa síntese da integração dos conteúdos do consciente e inconsciente, possuem um caráter teleológico (Jung, 2015, p. 19).

Não deveríamos render-nos ainda hoje à ideia antiquada de que os mitos e os símbolos são invenções inúteis de uma fantasia jocosa, mas entender que são principalmente manifestações de

uma psique que se encontra fora do âmbito de nosso controle consciente. Uma consciência objetiva e bem orientada não é privilégio da mente, pois ela atua na totalidade da natureza viva. Não há diferença fundamental entre configuração orgânica e psíquica. Assim como a planta gera sua flor, a psique produz seus símbolos. Todo sonho dá testemunho desse processo. As forças instintivas influenciam a atividade da consciência em forma positiva ou negativa através de sonhos, intuições, impulsos e outros acontecimentos espontâneos (Jung, 2013c, p. 242).

Pode-se interpretar que o sonho do indivíduo visa um *telos*, um objetivo último. Todavia, a comunicação é simbólica, obscura, uma síntese da dialética psíquica que “Vai além das capacidades de compreensão disponíveis no presente e que ainda não pôde ser formulada dentro de conceitos” (Silveira, 1971, p. 80). De todo modo, esse objetivo último é justamente a causalidade ou tendência objetiva, um alerta, ou aviso, formado pelo inconsciente por meio de seus conteúdos psíquicos em direção à consciência. Ou, como é dito rapidamente na citação longa anterior, o objetivo último do símbolo pode visar uma explicação de um fenômeno da realidade objetiva que, ao que tudo indica, é a origem dos mitos – que sempre possuem padrões mitológicos relacionados a fenômenos da natureza, da criação da realidade, do mundo etc., em diferentes culturas. Uma explicação obscura, simbólica e mitológica da realidade que, até aquele momento, não tinha meios racionais e conscientes de explicação¹⁷. O símbolo e suas diferentes imagens é

¹⁷ Sonu Shamdasani – principal historiador junguiano em atividade hoje, pela *University College London* – foi o editor de *O livro vermelho*, ou *Liber novus*. Este texto é um dos mais simbólicos já escritos por Jung, senão o maior. No caso, há uma ambiguidade intencional na linguagem de Jung, o que impossibilita uma leitura exclusivamente racional da obra. Por isso, Shamdasani declara que a linguagem de Jung “Não é um ensinamento, mas algo que dá testemunho da própria verdade do escritor – de sua redescoberta da verdade e reconexão com sua alma. Este não é um texto científico ou acadêmico” (Shamdasani; Beeber, 2010, p. 243) – tradução de Zara de Oliveira e Fátima Caropreso –.

justamente a evidência, o ponto de contato, entre o individual e o coletivo em toda a espécie humana.

Esse processo de comunicação, essa ponte entre consciente e inconsciente, pelo que foi desenvolvido até aqui, se dá pela *função transcendente* explorada pelo pensamento de Jung. Um bom exemplo para essa questão está no fato de Jung explicar sobre o caráter regulador do inconsciente¹⁸. É muito fácil ignorar as influências reguladoras do inconsciente nos sonhos, pois apenas parecem não fazer muito sentido. É importante não perdermos a regulação inconsciente de vista. Ela é necessária para nossa saúde mental e física. Mediante auto-observação e autocrítica, devemos buscar nos ajudar, nos autoconhecer e reconhecer (Jung, 2013b, p. 27). A concepção de Jung é extremamente diversa, a ponto que meras páginas não comportam todos os exemplos possíveis para se falar sobre sonhos, processo de individuação e símbolos. Contudo, há um termo que pode ser expresso em resumo, um termo que, talvez, represente esse complemento sintético e dialético entre consciente-inconsciente, corpo-psique, dentre outras oposições/polaridades complementares, as antinomias encontradas em todas as camadas da estrutura psíquica humana – e do estudo de sua natureza por Jung ao longo de décadas –. No caso, o termo que se apresenta a mim é a *simultaneidade*. Simplesmente, sem um par de opostos em simultaneidade não há dialética, desenvolvimento, transformação, devir, movimento, mudança, alteridade ou, pelo visto, a própria vida.

¹⁸ Jung relata um caso sobre um conhecido que veio lhe falar sobre um sonho que tivera sobre estar escalando uma montanha. Porém, na escalada, o homem falha e despenca no vazio. Jung o adverte para que não escalasse montanhas potencialmente perigosas pelos próximos meses. Mas, o conhecido citado riu e não lhe deu ouvidos. Pouquíssimo tempo depois, o conhecido morreu do mesmo modo como no sonho (Jung, 2013b, p. 26-27).

Referências

- FRANZ, Marie-Louise von. *O processo de individuação*. In: JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 3. ed. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Harper Collins, 2017.
- JAFFÉ, Aniela. *O mito do significado na obra de Carl G. Jung: uma introdução concisa ao estudo da psicologia analítica*. Trad. Daniel Camarinha da Silva e Dulce Helena Pimentel da Silva. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2021.
- JUNG, Carl Gustav. *A energia psíquica*. Obra Completa. vol. 8/1. Trad. Maria Luiza Appy. 14. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013a.
- JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Obra Completa. vol. 8/2. Trad. Mateus Ramalho Rocha. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013b.
- JUNG, Carl Gustav. *A vida simbólica vol. 1*. Obra Completa. vol. 18/1. Trad. Araceli Elman e Edgar Orth. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013c.
- JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Obra Completa. vol. 7/2. Trad. Dora Ferreira da Silva. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Harper Collins, 2017.
- JUNG, Carl Gustav. *O Livro vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Obra Completa. vol. 9/1. Trad. Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. Petrópolis: 2014a.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do inconsciente*. Obra Completa. vol. 7/1. Trad. Maria Luiza Appy. 24. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014b.
- JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. Obra Completa. vol. 6. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013d.
- SHAMDASANI, Sonu; BEEBER, John. Jung becomes Jung: a dialogue on Liber Novus (The Red Book). *Psychological Perspectives*, Philadelphia v. 53, n. 4, p. 410-436, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/00332925.2010.524110>. Disponível em:

https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00332925.2010.524110?utm_source=researchgate. Acesso em: 6 jun. 2025.

SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro, Editor S. A., 1971.

Data de registro: 03/07/2023

Data de aceite: 14/05/2025